

IDENTIDADE E VARIAÇÃO: O EXEMPLO DE APENAS

BENJAMIM MOREIRA

(Instituto Camões-Universidade de Santiago)

Para um falante português, hoje, os termos *apenas* e *só* apresentam-se-lhe intuitivamente como equivalentes. Aparentemente, o valor etimológico de *apenas*, que se mantém noutras línguas românicas, parece assim ter desaparecido.

É certo que num encadeamento discursivo nenhum termo é passível de ser substituído sem perdas por outro, isto é, não há uma sinonímia total, verificando-se, por outro lado, certas condições que a bloqueiam. Porém, o uso destes dois marcadores parece, na linguagem corrente, configurar uma excepção a essa regra. Basta ver, a título exemplificativo e fazendo variar o termo de incidência, a sua utilização aparentemente indiscriminada, como nos exemplos seguintes:

- (1) *esta fonte apenas/só deita água no Inverno*
- (1a) *esta fonte deita água apenas/só no Inverno*
- (1b) *esta fonte apenas/só no Inverno deita água*
- (2) *só/apenas esta fonte deita água no Verão*
- (2a) *só/apenas no Verão esta fonte deita água*

Constrói-se todo o domínio nocional, isto é, incluído o complementar linguístico, que em (1), (1a) e (1b) seria o subconjunto constituído por "outras fontes" ou o subconjunto "outras estações do ano"; em (2) o complementar linguístico seria "as outras fontes" e em (2a) "as outras estações do ano" como em (1) (1a), (1b)¹ para depois, delimitar, restringindo, por exclusão/negação do complementar.

Verificamos que o que está em causa não é a relação predicativa propriamente dita. Na realidade mantém-se, em todos os exemplos, a propriedade

atribuída à fonte, restringindo-se ou a circunstância de ordem temporal em que ela se verifica ou a entidade objecto dessa predicação (esta fonte e não as outras).

2. Tentativa de representação metalinguística

Para analisar este fenómeno precisamos de construir a representação da noção. Partimos de *apenas* e estabelecemos as operações que o marcador desencadeia. Através de um processo de abstracção, construímos a sua representação metalinguística, o que permite religar a forma invariante, a *forma esquemática*² a uma forma empírica.

Essa forma, simples e abstracta, associada a *apenas* seria:

- (a) *apenas y* assinala que se está perante um valor *não nulo* (afirma-se a existência de *y*);
- (b) significa que a selecção de um termo (entidade ou propriedade) *y* é interpretada como "*y* nem mais nem menos", isto é, assinala que *não temos mais que y*.

Esta forma apresenta os constituintes interpretáveis como *y*, por um lado, e como "mais e/ou menos do que *y*", por outro. O "mais" e o "menos" podem ter uma interpretação intensional (grau) ou uma interpretação extensional (quantidade).

O valor de restrição associado a *apenas* surge então da dimensão negativa inerente à selecção de *y* num contexto em que poderíamos esperar "mais" ou "menos" do que *y*, tendo em conta o complementar linguístico de *y*, isto é, o que não é *y*.

O domínio nocional construído por *apenas y* é o resultado de uma tripla orientação: do Exterior, valor nulo, para o Interior, valor não nulo (a); no Interior, construindo uma orientação para o centro organizador, isto é, a possibilidade de a ocorrência se situar numa zona do Interior em direcção ao valor tipo, quantitativo ou qualitativo (b); uma re-orientação de (b) para o exterior, construindo a Fronteira, onde se localiza a ocorrência (c). *Y* está assim localizado no Interior, sobre a Fronteira que o movimento de re-orientação (c) construiu. *Apensas (e só)*, marca por isso uma orientação modal negativa que pode ser representada no diagrama seguinte:

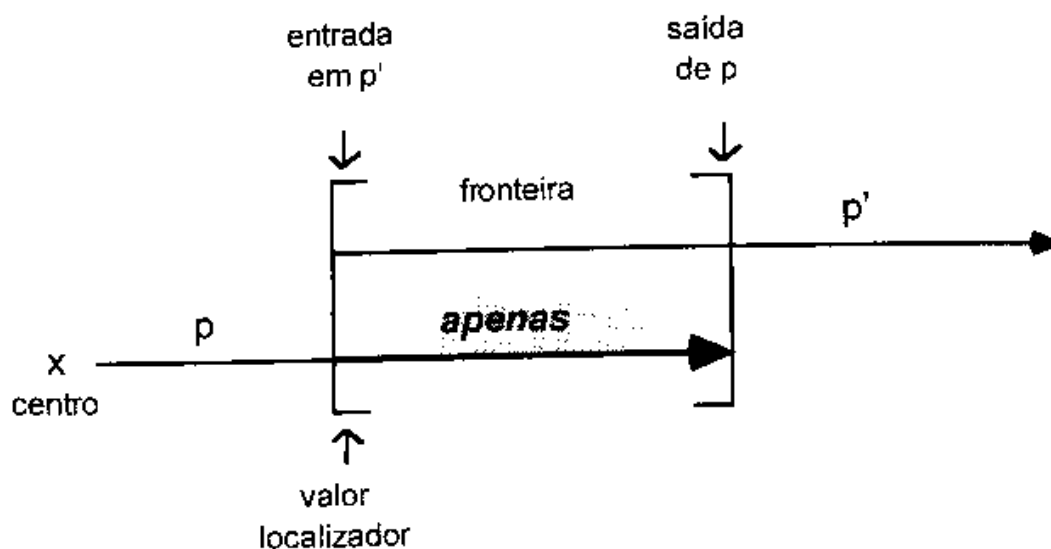


Fig. 1 - Representação do valor geral de *apenas*.

A selecção de y em *apenas y*, dada, em sentido metafórico, pela orientação final (segmento a negrito) "nem mais", confere à selecção de y uma dimensão negativa. Na realidade, a selecção de y não sendo evidente -não se deixa de ter em conta o que não é y (o "mais/ "o menos")- intervém num contexto em que seria de esperar "mais" ou "menos" que y . Estamos assim perante o valor de restrição associado a *apenas*. O espaço de restrição é mesmo inerente ao aparecimento desse marcador, ou seja, o contexto não fornece previamente esse valor. Por isso falamos de redefinição ou de re-orientação.

Verificamos que estamos perante um valor estável, uma forma esquemática, abstracta, que não esgota a semântica de *apenas* nos vários enunciados em que pode aparecer.

3. Valores específicos de *apenas*

3.1 *Apenas* e a operação de construção

Mas não é nosso objectivo apresentar um estudo exaustivo dos contextos em que pode coocorrer *apenas*. Não cabe aqui descrever os diversos valores de *apenas* a que as gramáticas atribuem diferentes estatutos categoriais e designações: quantificador, conjunção temporal, conjunção restritiva, advérbio de quantidade, de exclusão, restritivo, partícula gradativa ou seriativa de delimitação ou exclusão, partícula modal, conector discursivo, adverbial e até palavra denotativa.

Esta heterogeneidade de estatutos e a pluralidade de designações, independentemente da pertinência e validade dessas distinções, colocam-nos o problema do tratamento unitário de uma forma como *apenas*.

Um mesmo marcador que conhece diferentes valores e tipos de emprego permite desde logo admitir que a identidade de um termo não existe *de per se*. É

forçoso admitir então que a variação faz parte integrante da identidade do termo. Ou, indo mais longe, a identidade de um termo não estará na sua variação?

O trabalho que trazemos, na esteira de Campos 1997, Culioli 1997, Paillard 1998, Franckel e Paillard 1997, é uma tentativa de resposta a esta questão, indicando os caminhos teóricos e metodológicos que conduzirão a uma formalização da identidade e da variação de um termo como *apenas*. Apesar da tentação, confessemos, não foi nosso propósito apresentar uma nova designação porque, por um lado, viria fazer crescer o conjunto já bem recheado e, por outro, porque teria que ser suficientemente abrangente tornando o conceito introduzido muito pouco funcional. Fiquemo-nos, por isso, humildemente, por aqui, observando os dados empíricos, manipulando ou construindo enunciáveis, teorizando as observações realizadas e voltando sempre aos factos de língua que não podemos abandonar.

Consideramos importante, nesta fase, mostrar o processo de construção metalinguística susceptível de contribuir para uma abordagem ao mesmo tempo simples e exaustiva. Os exemplos que daremos serão meramente ilustrativos não esgotando os casos em que uma observação mais fina é exigida. Nesse sentido, apenas nos deteremos um pouco nos casos em que o valor de *apenas* é diferente ou, pelo menos, não completamente sobreponível ao de *só*.

3.1.1 Domínio nocional

Vejamos nos enunciados seguintes (3), (4), (5), o modo de construção do domínio nocional em que intervêm *apenas* e simultaneamente a dificuldade de ocorrência de *só* em alguns contextos:

(3) *não foi construído um edifício novo em nenhuma destas cidades [Cuito e Huambo]. Foi apenas tudo destruído¹.*

Era de esperar (normal) que fossem construídos novos edifícios naquelas cidades. No entanto, por um lado, eles não foram construídos e, por outro, os que existiam foram destruídos. Uma glosa incidindo mais sobre o segundo termo seria: se não foram construídos novos edifícios, esperava-se pelo menos que não fossem destruídos os já existentes. Uma paráfrase seria: "não só não foi construído nenhum edifício como os que já existiam foram destruídos". A operação de negação subjacente ao primeiro segmento consiste no percurso de todas as ocorrências possíveis da noção sem que qualquer ocorrência seja validada. Relativamente ao segundo segmento: *foi apenas tudo destruído*, a partir do exterior (zona de localização mas não de validação da relação predicativa anterior) temos a construção da existência, produzindo-se uma localização no Interior (*não nulo*) que absorve a operação *não mais*. Além disso, o *não nulo*, primeiro ponto, é a sua própria totalidade, é um mínimo. *Apenas* marca a

passagem do Exterior ao Interior, sem mais. Daí a analogia com *simplesmente*: *foi simplesmente tudo destruído*.

O exemplo (4) põe em evidência um valor diferente introduzido pelo termo *apenas* que *só* (5) não permite. Neste caso o trabalho nocional realiza-se sobre a *distância* entre o local onde existe água realmente e o local onde se imagina, se supõe que ela existirá. *Apenas* assinala que essa *distância* é (a) *não nula* (de outro modo haveria coincidência entre os dois locais, isto é, a água já teria sido encontrada) e (b) *inferior*. Mantém-se, por isso, a validade da forma esquemática que introduzimos.

(4) *não desespere, vais encontrar água apenas a uns 100 metros daqui*

(5) * *não desespere, vais encontrar água só a uns 100 metros daqui*

Neste encadeamento discursivo (4), *apenas* introduz uma avaliação positiva, ou seja, a ocorrência é localizada no Interior do domínio nocional num primeiro ponto¹. Corresponde ao valor teleonómico do enunciador que activa um argumento para estimular/justificar o não desespero do co-enunciador (a distância em relação à água é menor do que aquela que era esperada: esta, por ser elevada, era a causa do estado de desespero). O estatuto discursivo de *apenas* neste contexto, intervindo sobre o segundo segmento, justifica, fundamenta a indicação, a exortação, o conselho presente no primeiro segmento: *não desespere*.

Representemos esta situação que nos dá conta da topologia do domínio descrito:

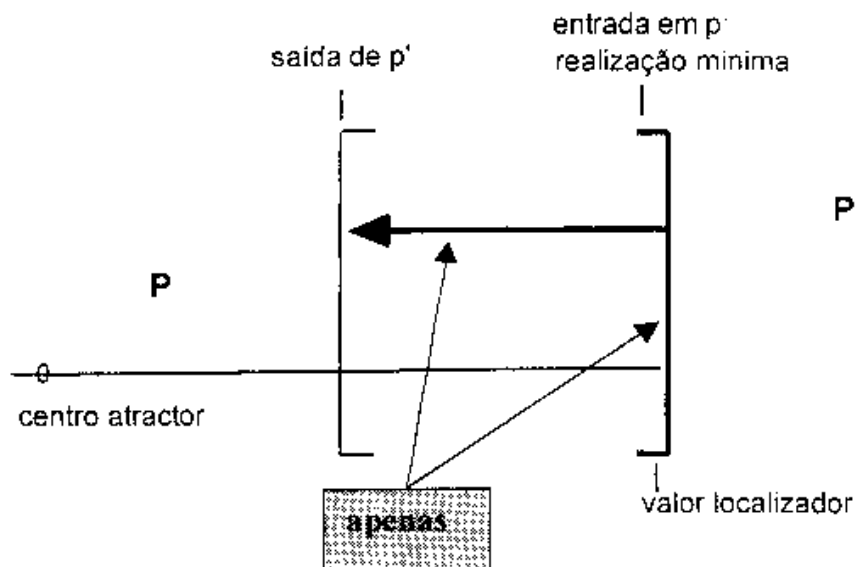


Fig. 2 - Valor específico de *apenas*

Apenas situa a ocorrência na Fronteira que compreende o limite de entrada no domínio positivo (p) e um espaço contíguo, o exterior (p'), com uma orientação para o limite de entrada no domínio positivo, que serve de valor localizador (permanecendo no limite de entrada do domínio positivo p), e por isso com uma orientação positiva.

A identidade de *apenas* mantém-se. Estamos também aqui perante as características da forma esquemática: valor não nulo e "não mais que j" com a interpretação de ocorrência mínima mas com orientação modal positiva porque corresponde ao resultado da relação interactiva que *apenas* tem com outros termos do enunciado. Esta situação enquadra-se no plano de variação do marcador, ou seja, nos seus modos de contextualização (Franckel e Paillard 1997: 55). O imperativo estabelece uma relação entre dois estados de coisas, um efectivo, o outro visado. Por outro lado, inscreve-se numa relação intersubjectiva, de tipo agentivo (aconselha-se, incita-se, ...) que conduz ao estado possível. *Apenas* situa-se assim num campo de forças entre o estado real (desespero) e o estado desejado. O objecto visado (a existência de água próxima) é assim visto como acessível e por isso só pode ser um primeiro ponto no domínio. O aparecimento de *apenas* é determinado pela presença do imperativo que é negativo e por isso obriga a uma re-orientação da relação entre os dois termos: de negativa a positiva⁵.

Comparemos, a título ilustrativo, uma sequência em que *apenas* e *só* são equivalentes, arrastando a ocorrência para o último ponto do interior do domínio, sobre uma orientação negativa:

- (6) *enche aqui o cantil porque só/apenas vais encontrar água a uns 15 quilómetros daqui*
 (6') *enche aqui o cantil porque vais encontrar água só/apenas a uns 15 quilómetros daqui*

Considera-se 15 quilómetros uma distância elevada e por isso difícil de atingir, o que conduz à necessidade de tomar em conta tal facto e as devidas providências que o imperativo permite.

Reparemos que, considerando-se 100 metros uma distância curta, se *apenas* incidir sobre o sintagma verbal a sequência torna-se impossível devido à incompatibilidade entre as duas orientações modais negativas (do primeiro e do segundo segmento):

- (4) **não desesperes, apenas vais encontrar água a uns 100 metros daqui*

O mesmo acontece no exemplo (5') com *só*:

- (5') ** não desesperes, só vais encontrar água a uns 100 metros daqui*

No caso seguinte, *apenas* introduz uma avaliação da asserção "presidente da república assassinado 17 dias depois da eleição", considerando-se, por um lado, que foi assassinado 17 dias depois de ser eleito e "não mais" e, por outro, que esse intervalo de tempo é manifestamente pouco, tendo a ocorrência sido localizada no Interior mas muito próxima do limite, isto é, pode ser representada como uma primeira ocorrência.

(7) *o último foi um presidente da república assassinado apenas 17 dias depois da eleição*⁶

O valor de restrição associado ao marcador torna incompatível a presença de *só* no exemplo:

(7') *o último foi um presidente da república assassinado *só 17 dias depois da eleição*

De igual modo, uma sequência como (8) revela o valor específico de *apenas* que temos estado a estudar. Se não, veja-se a impossibilidade de ocorrência de *só* em (8')

(8) *apenas [foi] eleito, assassinaram-no*

(8') ** só [foi] eleito, assassinaram-no*

Deparamo-nos também com alguns problemas de ambiguidade.

O exemplo (9) escrito num diário, permite a existência de dois diferentes campos de incidência do marcador (o que não se verificaria em situação oral):

(9) *com 67 pérolas apenas se faz um colar*⁷

(9a) *com 67 pérolas só se faz um colar*

(9b) *com 67 pérolas apenas se faz um colar*

Se *apenas*, em posição intermédia, incidir sobre o primeiro termo (com uma pausa após *apenas*) a interpretação seria "bastam 67 pérolas para se fazer um colar, não são necessárias mais" (9); mas, se *apenas* incidir sobre o segundo termo (com uma pausa antes de *apenas*) a interpretação seria "não é possível fazer mais do que um colar (isto é, com 67 pérolas só se pode fazer um colar e não (sobra nenhuma para) dois (9b). Vemos que *só* permite a segunda (9a) mas não a primeira interpretação, ou seja, *só* não incide sobre o primeiro termo.

É interessante verificar que se o enunciado começar por *só* ou *apenas*, volta a acontecer o mesmo. Tanto *só* como *apenas* permitem a interpretação de que "são necessárias 67 pérolas para fazer um colar" (cf. (9c) e (9d) mas *apenas* permite também a interpretação "bastam 67 pérolas para se fazer um colar" (9e)⁸.

- (9c) apenas/só com 67 pérolas se faz um colar
 (9d) apenas com 67 pérolas se faz um colar
 (9e) apenas com 67 pérolas se faz um colar

3.1.2 Domínio temporal-aspectual

Vejamos os valores temporais-aspectuais introduzidos por *apenas* no enunciado

- (10) apenas amanheça, partimos

É nítida a relação temporal entre o processo (a) *amanhecer* e o processo (b) *partir*. Trata-se de uma relação temporal consecutiva entre o processo (a) e o início do processo (b): o processo (a) serve de localizador ao processo (b) e o começo do processo (b) está localizado pelo fim do processo (a).

O valor localizador temporal é constituído pelo limite de saída de p, ou seja, o momento em que termina o processo (a). Com *apenas* o enunciador avalia subjectivamente a distância que separa o fim do processo (a) e o começo do processo (b) considerando-a reduzida ou nula e por isso estamos perante uma aparente simultaneidade".

Representemos este valor temporal-aspectual que decorre de uma relação de localização entre dois processos (ver Ratić 1989: 91):

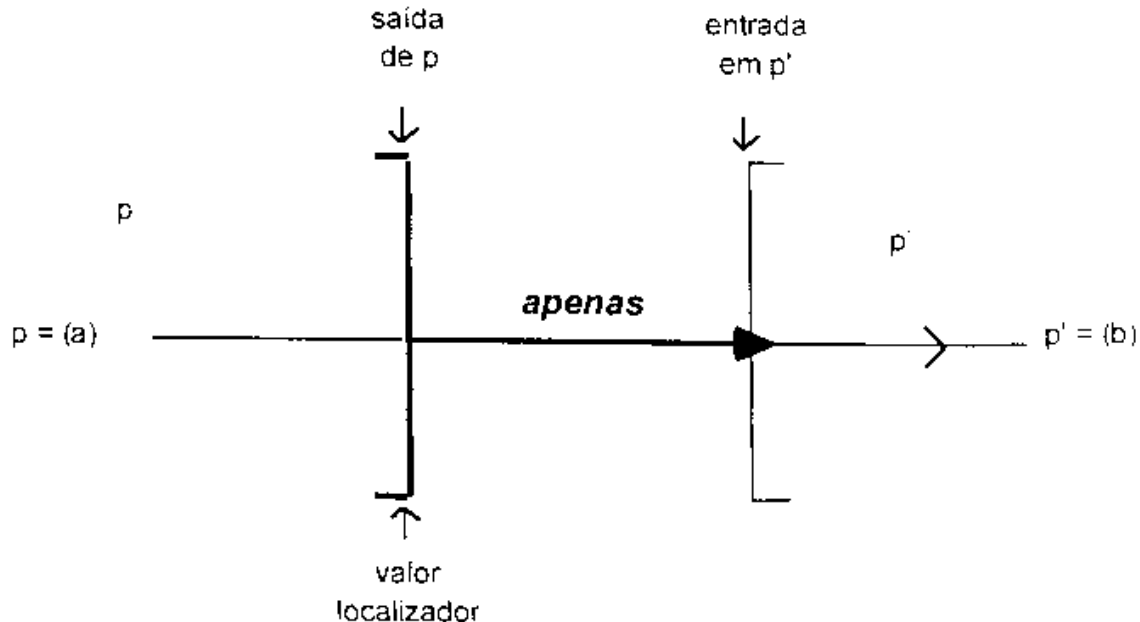


Fig. 3 - *Apenas* numa relação interproposicional

O processo (b) começa imediatamente após o fim do processo (a). A partir do limite de realização do processo (a) *apenas* orienta para a fronteira de entrada

de p' marcando o início do processo (b). O limite de entrada em p' está situado imediatamente após o limite de realização de p. A ideia de imediatez contida em *apenas* reduz a distância entre os dois limites e daí advém uma relação de quase concomitância entre (a) e (b).

A orientação modal positiva de *apenas* indicada pela flecha corresponde à avaliação subjectiva do enunciador. É afinal a mesma que se regista nos enunciados (4), (7), (8), (9), (9e), ao contrário de (1) e (2) e (6), (6'), (9b), (9d) em que a orientação modal é negativa. Neste último caso, *apenas* e *só* são equivalentes porque relevam da mesma operação.

4. Conclusão

É claro que não podemos dar por terminada a tentativa de formalização da identidade e da variação de *apenas*. Sabemos que do ponto de vista da sua função num encadeamento discursivo *apenas* tem estatutos categoriais diferentes e a própria noção de restrição coloca algumas dificuldades a uma descrição unitária que alie o empírico ao raciocínio metalinguístico (descrição e teorização).

De igual modo, certos contextos, as circunstâncias, a prosodia, uma pausa acentuada, podem revelar uma complexidade maior do que aquela que tratamos ou resolver alguns problemas de não-enunciabilidade.

Outros problemas se levantam e carecem de aprofundamento como, por exemplo, o funcionamento de *apenas* com a negação, com termos negativos (por que é que podemos dizer *traz-me apenas um pouco de vinho* mas não *traz-me apenas pouco vinho*).

O trabalho de descrição das regras e dos modos de contextualização de *apenas* é um trabalho que pretendemos prosseguir. Nesse estudo mais alargado teremos de fazer intervir outros termos, aprofundar por exemplo o estudo contrastivo com *mal*, por um lado, e *só* e *somente*, por outro.

Independentemente das conclusões que viermos a tirar no trabalho que prosseguiremos, podemos desde já adiantar que:

a) *Apenas* não é um simples marcador de restrição. O trabalho realizado permite concluir que não podemos deixar de realçar fundamentalmente o seu valor modal. Nesse sentido se explica não só a sua especificidade como a orientação — positiva ou negativa — que modaliza a relação predicativa, numa relação de intersubjectividade.

(b) O conceito de orientação modal introduzido para caracterizar a forma *apenas* permite descrever, ou resolver, um certo número de problemas como ambiguidades do tipo: *ele é apenas o melhor aluno da turma* com duas interpretações possíveis a) é o melhor aluno em classificações mas não nas relações humanas b) revela todas as características que o definem como o melhor aluno da turma. O conceito de orientação modal introduzido para caracterizar o adverbial *apenas* permite descrever, ou resolver, essa ambiguidade¹¹.

Verificámos que há um movimento de determinação recíproca: *apenas*, por um lado, introduz uma alteração; por outro *apenas* é chamado pelo contexto. Trata-se de uma interacção complexa entre a palavra e o contexto: a palavra estrutura o contexto mas enquanto forma é deste que recebe a sua substância (Paillard 1998: 18). Surgem assim os valores de restrição, de selecção, de especificação, de descontinuidade, de destaque, de exclusão.

Notas

- 1 Os enunciados (2) e (2a) servem apenas para mostrar que o campo de incidência de *apenas* é o mesmo que o de *só*.
- 2 Culioli (1990:129; 1997:16) designa 'forma esquemática' a representação metalinguística associada por construção, a uma forma empírica. Para haver *deformabilidade*, conceito que Culioli introduziu em 1986 (1990:129) é necessário que se trabalhe com uma forma esquemática (em que há ao mesmo tempo modificação e invariância). Por outro lado, ela exige um trabalho sobre formas, abstractas, que construímos a partir de uma forma empírica (e das suas propriedades distribucionais). O invariante é definido como uma forma esquemática que representa a interacção complexa entre o termo e o contexto: por um lado o termo estrutura o contexto e por outro recebe dele a sua substância.
- 3 Sebastião Salgado, *Vida Mundial* n.º 20, Set 1999, p.39.
- 4 No caso em que *apenas* era equivalente de *só*, analisado no ponto 1., tratava-se de um ponto situado na fronteira construído pela re-orientação negativa para o Exterior do domínio.
- 5 Lembramos que no caso anterior (2.) em que *apenas* e *só* foram apresentados como equivalentes, havia primeiramente uma orientação para o centro e o valor restritivo era dado pela re-orientação, negativa. Aqui, neste valor específico de *apenas*, temos o inverso: primeiro, orientação negativa e depois re-orientação da relação, isto é, positiva.
- 6 Do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC, Ref: J3726)
- 7 *in Jornal de Notícias*, Set.99.
- 8 Parece-nos que neste caso é mais aceitável a ênclise pronominal. Diríamos: *(9e) apenas com 67 pérolas faz-se um colar*. A colocação deste clítico é uma questão importante que se afasta do uso proclítico quando intervém o adverbial *só* (cf. Cunha e Cintra, 1984:313). Antecipemos desde já que essa disparidade pode ter a ver com este valor específico (que o *só* não tem e que está presente nestes exemplos anteriores, cf. (4)) com a orientação positiva que *apenas* introduz, por oposição à orientação negativa de *só*.
- 9 Podemos ver equivalentes deste valor de *apenas* em enunciados como: *mal caiu, levantou-se; logo que caiu, levantou-se; apenas entra em casa, logo se põe à janela; apenas eleito, foi barbaramente assassinado (assim que, logo que)* (ver Moreira 1996).
- 10 Em a) teríamos uma orientação negativa, que descrevemos no ponto 2.; em b) uma orientação positiva (ponto 3.).

Referências bibliográficas

- CAMPOS, M.H.C. 1997 — *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto, Porto Editora.
- CULIOLI, A. 1990 — *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.
- CULIOLI, A. 1997 — "A propos de la notion" in *La Notion*, Actes du Colloque "La notion". 1996, Dir. Claude Rivière e Marie-Line Groussier, Paris, Ophrys, pp. 10-24.
- CUNHA, C. e L. Cintra 1984 — *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- FRANCKEL, J.J. & D. Paillard 1997 — "Représentation formelle des mots du discours. Le cas de d'ailleurs", *Revue de Sémantique et Pragmatique*, n° 1, pp. 51-64.
- MOREIRA, B. 1995 — "Para a constituição de um conjunto de marcadores enunciativos intermodais" in *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Universidade de Évora, 1994), Évora, APL.
- PAILLARD, D. 1998 — "Mots du discours comme mots de la langue", *Le gré des langues* 14, Paris, l' Harmattan.
- RATIÉ, M. 1989 — "A propos de quelques adverbes de négation implicite" in *Cahiers de recherche en grammaire anglaise*, tomo IV, Paris Ophrys, 65-92.

Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)
Jornal de Notícias, Set.99
Vida Mundial n° 20, 1999